



ENTREVISTA

Maria Clara Cavalcante Bugarim – Presidente da Associação Interamericana de Contabilidade

Por Rafaela Feliciano

Considerada uma das personalidades mais ilustres da Contabilidade brasileira, Maria Clara Cavalcante Bugarim acaba de assumir um novo desafio em sua carreira: a Presidência da Associação Interamericana de Contabilidade (AIC). Conhecida por romper paradigmas, a alagoana é a primeira mulher a liderar a organização internacional mais antiga do mundo contábil.

No extenso e respeitável currículo, ela atuou, em Alagoas, como auditora-geral do Estado, técnica de Controle Externo do Tribunal de Contas, diretora Financeira do Instituto de Previdência, secretária de Assistência Social do Município de Santana do Mundaú e presidente da Associação dos Servidores do Instituto de Previdência. Na Universidade de Fortaleza (Unifor), contribuiu com inúmeros

trabalhos com foco na modernização e na excelência dos cursos de Ciências Contábeis ao assumir a direção do Centro de Comunicação e Gestão da Universidade. Por duas gestões seguidas, ela presidiu o Conselho Federal de Contabilidade (2006/2007 a 2008/2009), sendo a primeira mulher a ocupar o cargo; o Conselho Regional de Contabilidade de Alagoas (1998/1999 a 2000/2001); e a Fundação Brasilei-

ra de Contabilidade (2002/2003 a 2004/2005). Atualmente, ela também é presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis (Abracicon).

Em entrevista à Revista RBC, Maria Clara fala sobre os desafios frente à AIC e afirma que a principal meta da nova gestão é a integração dos países da América Latina para o fomento à transparência e ao combate à corrupção.

RBC – Sabemos que a representatividade das entidades internacionais é essencial para o desenvolvimento da classe contábil no mundo. Nesse cenário, qual é o papel da AIC?

Maria Clara – A Associação Interamericana de Contabilidade (AIC) é reconhecida como a organização de contabilidade internacional mais antiga do mundo. Ela foi concebida e fundada com o objetivo principal de integrar os contadores do continente americano, assumir o compromisso de sua representação e promover o constante aprimoramento da qualificação dos profissionais, seus conhecimentos e deveres sociais. Com 70 anos de atividade institucional, a AIC não possui fins lucrativos e tem contribuído para fortalecer as organizações profissionais de contadores nos países americanos, além de participar ativamente no desenvolvimento harmônico da prática livre da Contabilidade.

RBC – Você é a primeira mulher a assumir a Presidência da AIC. Qual o sentimento e importância para a classe contábil ter uma figura feminina em um espaço tão importante de poder de decisão?

Maria Clara – O sentimento é de vitória. Quebramos muitos paradigmas e estamos avançando. No Sistema CFC/CRCs, a luta das mulheres sempre foi uma nobre bandeira. Para se ter uma ideia, na década de 50, representávamos 1,3% da classe contábil. Em 1980, chegamos a 20%. Já em 2000, atingimos a marca de 31% e, atualmente, somos 42,8%. Na composição do Plenário do CFC, também fizemos história. Mais de 50 mulheres

já estiveram presentes nas composições dos mandatos. É interessante ressaltar também que grande parte das conquistas das mulheres na área contábil se deve ao legado do projeto “Mulher Contabilista”, criado há quase 30 anos, que impulsionou a participação feminina em espaços, até então, predominantemente masculinos. E, em 2006, eu fui eleita, com muito orgulho, a primeira presidente do Conselho Federal de Contabilidade. E assumir a Presidência da AIC é mais uma prova de que as mulheres vieram para mostrar o seu potencial, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Estou aqui por nós, pela voz feminina da classe contábil.

RBC – Quais serão as principais metas da nova gestão da AIC?

Maria Clara – A principal meta da nova gestão é a integração dos países da América Latina para o fo-



Foto: Divulgação

Maria Clara durante a solenidade de posse na Presidência da Associação Interamericana de Contabilidade (AIC)

mento à transparência e ao combate à corrupção. Nos últimos anos, a corrupção atingiu níveis alarmantes em todo o mundo, impedindo o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países. E estamos dispostos a encontrar mecanismos eficazes para reduzir esta prática, com políticas urgentes para o bom controle da coisa pública e dos recursos oriundos da sociedade. Precisamos mostrar a força do profissional da contabilidade no controle social, no crescimento sustentável das economias. Nós somos agentes de transformação e devemos agir para a obtenção dos princípios de integridade organizacional e da defesa do interesse público. Queremos uma gestão unificada e que integre os demais organismos internacionais. E essa união de esforços entre as instituições ratifica o nosso dever de projetar a profissão contábil a um nível mais elevado e respeitável no contexto mundial.

RBC – Durante a XXXIII Conferência Interamericana de Contabilidade, realizada em outubro deste ano, na cidade de Cartagena, na Colômbia, a AIC assinou um acordo de cooperação técnica com o Ministério da Transparência do Brasil. Qual o objetivo da parceria?

Maria Clara – Dados do Barômetro Global da Corrupção (BGC), realizado entre janeiro e março de 2019, com mais de 17 mil cidadãos de 18 países diferentes, mostram que 53% das pessoas acham que a corrupção aumentou nos últimos 12 meses e 85% acreditam que a corrupção no âmbito governamental é um grande problema. Por isso, decidimos como

meta da nossa gestão o fomento à transparência e o combate à corrupção. Nessa caminhada, a ideia é buscar acordos de cooperação técnica com parceiros que possam agregar a nossa luta e é criar a Rede Contábil Latino-Americana de Integridade, que tem como objetivo aperfeiçoar e ampliar ações de controle e participação social para a melhoria da responsabilização de agentes públicos e privados e, conseqüentemente, fomentar o combate à corrupção. Por meio de ações integradas, de eventos regionais, de apoio mútuo e de intercâmbio de experiências e informações, queremos capacitar os agentes da América Latina e Caribe na detecção de fraudes e prevenção de irregularidades, e o Ministério da Transparência é o nosso primeiro parceiro. Não podemos continuar passivos frente à corrupção. Temos uma responsabilidade imensa e estamos aqui encorajando a classe para esse enfrentamento.

RBC – Qual a sua visão sobre a participação do Brasil no cenário contábil internacional?

Maria Clara – Crescemos muito internacionalmente. Hoje, temos brasileiros nas principais entidades no exterior. Além da AIC, podemos citar a Federação Internacional de Contadores (Ifac, na sigla em inglês); o Grupo Latino-americano de Emissores de Normas de Informação Financeira (Glenif); e o Comitê de Integração Latino Europa-América (Cilea), entre outros. A Contabilidade brasileira é modelo para os outros países, principalmente sobre o processo de convergência das normas internacionais de contabilidade. Em 2019, tivemos a presença do presidente da



Foto: Divulgação

A presidente da AIC é também presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis (Abracicon)

Ifac, In-Ki Joo, em nosso XII Encontro Nacional da Mulher Contabilista, em Porto de Galinhas (PE). Isso mostra como o nosso País já integra a discussão mundial sobre o futuro da classe contábil e eu tenho orgulho de ter plantado uma sementinha, lá em 2006, quando fui presidente do CFC pela primeira vez. Lembro que o maior desafio era a aproximação do Brasil com os organismos internacionais e, hoje, eu posso garantir, que somos como uma família.

RBC – Como fazer para que as melhores práticas em Contabilidade sejam compartilhadas e disseminadas no continente?

Maria Clara – Acredito que seja por meio do intercâmbio de boas práticas, encontros e debates integrados para o aprimoramento da Contabilidade na América Latina. Tivemos uma experiência muito rica neste ano, na Colômbia, com a realização

da XXXIII Conferência Interamericana de Contabilidade (CIC), que contou com uma palestra muito importante do presidente do CFC, Zulmir Breda, sobre os mecanismos de combate à corrupção. Em 2021, será a vez de o Brasil receber esse encontro, em Bento Gonçalves (RS). Acredito que o envolvimento dos profissionais da contabilidade em momentos assim pode contribuir, e muito, para o desenvolvimento sustentável das regiões.

RBC – Quais as grandes mudanças que você pontuaria como fundamentais no mercado brasileiro para a maior participação da mulher no segmento das Ciências Contábeis?

Maria Clara – A desigualdade de gênero ainda é latente em todo o mundo

e é preciso trabalhar para que isso acabe. Mas, nós, mulheres, somos incansáveis por natureza. Desde o início da emancipação feminina, soubemos, inteligentemente, o momento certo de lutar. Estamos, cada vez mais, determinadas a não nos deixar abater diante das situações adversas, conscientes de que, com união, é possível concretizar nossos objetivos. Nossa meta é nos fortalecermos coletivamente, multiplicarmos nossas competências, valorizarmos os nossos serviços e aumentarmos a nossa credibilidade perante a sociedade, como construtoras de uma pátria mais justa e igualitária. Nós não somente queremos ocupar o merecido espaço sociopolítico mundial, como podemos e devemos! Queremos poder exercer com plenitude a nossa cidadania enquanto mães, profissionais competentes, esposas, cidadãs, mulheres.